O PADRE ANTÔNIO VIEIRA E A "HISTÓRIA DA IDÉIAS NO BRASIL" DO PROFESSOR CRUZ COSTA.

Com o modesto título de *Contribuição à História das Idéias no Brasil* acaba de publicar o Professor Cruz Costa um livro de capital importância (1). O seu texto reproduz, com acréscimos e aperfeiçoamentos, a tese com que conquistou a cátedra de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. E' um trabalho que vai marcar uma época na história da Filosofia no Brasil, e está destinado a representar, neste setor, papel análogo ao que, na História da Literatura Brasileira, desempenhou a grande obra de Sílvio Romero.

Vazado em linguagem clara e simples, única adeqüada e admissível em obras dessa natureza, concretiza êsse livro vários anos de labor fecundo, consumido em pesquisas e estudos, revelando uma seriedade e isenção extremamente raras entre nós. O capítulo consagrado ao Positivismo ortodoxo no Brasil é um índice seguro da profundidade das investigações e da serenidade da exposição do Professor João Cruz Costa. Mas, como êsse, são também os demais capítulos do livro consagrados a estudar — *A herança portuguêsa; As vicissitudes da Formação Colonial; A Filosofia do Brasil na primeira metade do século XIX; Um Bando de Idéias Novas; As Idéias na última fase do século XIX; As Idéias no século XX*.

Digno de registro é caracterizar o Professor Cruz Costa cada fase de que trata, reconstituindo, sincrônicamente, o desenvolvimento econômico, político, literário e filosófico do Brasil, de modo a determinar, tanto quanto possível, a situação social correspondente a cada uma das etapas históricas que vai, com grande segurança, ressuscitando. E' o que dá ao seu esplêndido livro um cunho dinâmico e um sabor de texto vivo, em contraposição ao caráter estático e morto que, em geral, se depara nos trabalhos do gênero.

Quanto à variedade das fontes e à solidez dos informes, incalculável é o que se aprende, a cada passo, no livro do Professor Cruz Costa, que tem horror ao verbalismo e à vacuidade das idéias.

(1). — *Vide* João Cruz Costa: *"Contribuição à História das Idéias no Brasil"*. (*O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional*). Livraria José Olympio Editôra, 1956.

Sempre que se serve das palavras é para dizer alguma coisa, formular um pensamento, traduzir um conceito ou transmitir um esclarecimento útil, de modo a não se encontrar, nas 445 páginas do seu livro, de tipo compacto e miúdo, uma frase sem destino, introduzida no texto apenas para causar efeito, vício tão comum entre os escritores de Portugal e do Brasil. Torna-se, por isto, um verdadeiro modêlo do estilo sóbrio e conciso.

Não me proponho a analisar aqui, e, muito menos a criticar o grande livro do Professor Cruz Costa. Não possuo competência, nem autoridade para tanto. Embora esteja hoje fora de moda o entusiasmo, e, portanto, o emprêgo de epítetos fortes nas apreciações literárias, o que viso aqui é apenas aplaudir, e aplaudir calorosamente e sem restrições, o seu belo trabalho, pois a funda impressão que me deixou não me permite dosar os elogios que merece.

E, ao lado do meu aplauso, quero também oferecer ao ilustre Mestre pequeno subsídio para as edições que se hão de suceder do seu livro, pois êste constituirá, daqui por diante — estou certo — a pedra basilar e o ponto de partida de todos os trabalhos que se empreenderem em tôrno da história da Filosofia no Brasil.

A primeira edição de um livro, na observação de Alexandre Herculano, não é senão uma cópia em limpo. Não há de me levar a mal, por conseguinte, o Professor Cruz Costa que lhe apresente embargos ao que escreve em nota às páginas 56 e 57 do seu livro. Aí, ao mencionar o Padre Antônio Vieira como um dos *"filósofos brasileiros"* arrolados pelo saudoso Alcides Bezerra em suas *Achegas à História da Filosofia,* comenta o preclaro Professor:

> "Todos êstes autores não apresentam grande interêsse, pois *são eclesiásticos que se limitam a reproduzir a filosofia escolástica*".

A afirmativa, embora freqüentemente repetida pelos melhores escritores de Portugal e do Brasil, não me parece justa pelo menos quanto ao admirável Padre Antônio Vieira, como passo a evidenciar. E, dada a honestidade e a meticulosa isenção do Professor Cruz Costa, estou certo de que êsse lanço do seu magnífico livro há de ser modificado nas edições que, em breve, se hão de reproduzir da sua excelente *História das Idéias no Brasil*.

Sinto-me tanto mais à vontade para empreender a defesa do valor filosófico do Padre Antônio Vieira quanto, sendo eu positivista, não posso ser acoimado de sectarismo jesuítico.

Em 1945, a convite de Afrânio Peixoto e sob a sua honrosa presidência, realizei, no Instituto de Estudos Portuguêses do Rio de Janeiro, um curso de seis conferências sôbre o Padre Antônio Vieira. E' dêsse curso, ora entregue ao prelo, que extraio a seguinte

apreciação da importância do aspecto filosófico da imortal obra dêsse extraordinário homem de gênio que foi o Padre Antônio Vieira.

Não se pode dizer haja sido Vieira um verdadeiro filósofo, preocupado em formular sistema ou conjunto concatenado de concepções gerais sôbre o mundo e o homem. Não lho permitiriam as obrigações de seu ministério, sua absorvente vida de pregador e diretor de consciências, político e diplomata, missionário e catequista. Encontram-se, porém, a cada passo, em seus escritos, vistas de tal amplitude e profundeza que autorizam concluir-se teria sido um pensador eminente se houvesse vivido em momento de maior tranqüilidade política para sua pátria, podendo, destarte, cultivar e desenvolver as grandes aptidões especulativas de que deu provas exuberantes. Surgido em ambiente social mais propício à meditação pura, como a Holanda, sem dúvida teria sido um filósofo de valor, tal qual o seu contemporâneo Espinosa, assim como êste último, se a Inquisição o não tivesse feito nascer e viver na pátria de Erasmo, não teria passado, em Portugal, de poeta ou cronista, na observação de Afrânio Peixoto (2).

De maneira brilhante cursou Vieira a cátedra de Filosofia no Colégio da Bahia. Fazendo-se o estudo em apostilas copiadas pelos discípulos, recusou-se

> "a esta servidão fácil do entendimento, contentando-se com assistir às preleções, e do que ouvia, lia e pensava por si, redigiu êle próprio, para seu uso, um curso completo de filosofia" (3).

Perdido êsse curso, que nos ministraria elementos diretos para julgar da capacidade filosófica de Vieira, vejamos, em suas obras, alguns lanços que nos permitam apreciar êsse aspecto de sua onímoda personalidade face às correntes de pensamento de seu tempo.

Por êles verificaremos quanto têm sido injustos vários historiadores de Portugal quando atribuem ao ensino dos jesuítas, senão a decadência, a estagnação mental do povo luso no século XVII e primórdios do XVIII.

VIEIRA E O PRINCÍPIO DA AUTORIDADE.

Apesar de filiado à Companhia de Jesus, em geral tida como ardentemente apegada a Aristóteles e a seu genial intérprete medievo, São Tomás de Aquino, figura Vieira na coorte dos que, com

---

(2). — *Vide* Afrânio Peixoto: *"Noções de História de Literatura Geral"*, pg. 417 da ed. Alves, Rio, 1932.

(3). — *Vide* Lúcio d'Azevedo: *"História de Antônio Vieira"*, vol. I, pg. 34, Lisboa, 1918, e Vieira: *"Defesa do livro intitulado "Quinto Império"*, pg. 157 do vol. VI das *"Obras Escolhidas"*, com prefácios e notas de Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1952.

Bacon e Descartes, combatiam, no século XVII, o princípio da *autoridade* em matéria filosófica e científica, dando a primazia à *experiência*. Eis as suas próprias palavras no *Sermão da Conceição Imaculada*:

> "Ainda que os Antigos beberam primeiro nas fontes, nem por isso as esgotaram: *"Multum egerunt qui ante nos fuerunt, sed non peregerunt"* — diz Sêneca. *Muito fizeram os que vieram antes de nós, mas não perfizeram.* Entre o fazer e o perfazer há grandes intervalos: *Multum autem restat operis, multumque restabit.* Assim como êles acrescentaram sôbre o que tinham dito os mais antigos, assim nós podemos acrescentar e descobrir o que êles não acharam, como também sôbre nós os que depois vierem" (4).

E, no *Primeiro Sermão da Terceira Dominga do Advento*, revela-se um adepto de Bacon sobrepondo a *experiência*, ou método indutivo, à especulação pura:

> "Nenhuma coisa houve mais assentada na Antigüidade, que ser inabitada a zona tórrida; e as razões com que os filósofos o provaram, eram ao parecer tão evidentes, que ninguém havia que o negasse. Descobriram, finalmente, os pilotos e marinheiros portuguêses as costas da África e da América, e souberam mais e filosofaram melhor sôbre um dia de vista, que todos os sábios e filósofos do mundo em cinco mil anos de especulação. Os discursos de quem não viu, são discursos; os discursos de quem viu são profecias" (5).

Ao sustentar, em pleno século XVII, que

> *"os pilotos e marinheiros portuguêses souberam mais e filosofaram melhor sôbre um dia de vista, que todos os sábios do mundo em cinco mil anos de especulação"*,

mostrava-se o insigne inaciano radicalmente adversário daquela *"cultura verbalista e livresca"* que o Professor Newton de Macedo diz haver partido "da entrega do Colégio das Artes por D. João III aos jesuítas em 1555", dominando os espíritos em Portugal por mais de dois séculos (6).

Tão imbuído já se revela Vieira, em pleno século XVII, da cultura moderna que nenhuma novidade constituiria para êle o que o inglês Luis Baden anunciaria, na primeira lição do *Curso de Filosofia Experimental*, professado em 1725 em Lisboa:

---

(4). — *Vide* Vieira: *"Sermões"*, vol. X, pg. 110 da ed. Lello e Irmão.
(5). — *Idem, ibidem*, vol. I, pg. 194.
(6). — *Vide "História de Portugal"* comemorativa ao 8.º centenário da fundação da nacionalidade, publicada sob a direção de Damião Peres e Eleutério Cerdeira, vol. IV, pg. 421, Barcelos, 1934.

"Aprende-se mais em uma só hora com a sua prática (da Filosofia Experimental) que em muitos meses com a explicação dos melhores teóricos" (7).

Ora, já havia dito Vieira o mesmo e melhor no passo supra-transcrito:

"os pilotos e marinheiros portuguêses souberam mais e filosofaram melhor sôbre um dia de vista, que todos os sábios do mundo em cinco mil anos de especulação".

Acontceeu em Portugal em relação a Vieira e outros inacianos, pela prevenção anti-jesuítica chefiada por Pombal, o mesmo que, em Espanha, ocorreu com Lope de Vega e outros dramaturgos do século de ouro da literatura castelhana em conseqüência da ascenção dos Bourbons ao trono.

O entusiasmo da Espanha, do século XVIII, pela França e suas produções literárias foi tamanho, que, esquecidos da originalidade e valor dos seus próprios autores, passaram os espanhóis a aplaudir peças francesas, vertidas para o castelhano, as quais, entretanto, nada mais eram do que traduções e decalques de dramas originais de Lope, Alarcon, Tirso, Guevara e outros.

Desdenhando, até hoje, por preconceito anti-jesuítico, alguns historiadores da literatura portuguêsa, as obras de Vieira, que apenas superficialmente conhecem, não se dão conta de quanto o eminente filho de Santo Inácio já se enfronhara em tôda a cultura científica e filosófica do seu próprio século, nada ficando a dever, neste particular, aos melhores espíritos da Europa de seu tempo. Urge, portanto, na História de Portugal, uma revisão completa dos apressados e injustos julgamentos que atribuem à Companhia de Jesus a estagnação dos espíritos no Portugal seiscentista, porquanto, muito mais do que a Companhia, foi a Inquisição a responsável por êsse estado de coisas, e, contra ela, nada podiam os jesuítas.

Mas, voltemos a Vieira.

Sustentando que o que deve prevalecer é a autoridade da doutrina e não a do doutrinador, discorre excelentemente sôbre a matéria do *Sermão da Sexta-Feira da Quaresma,* pregado em 1662 na Capela Real. Depois de referir que no 3.º Livro dos Reis, capítulo 22, consta haver Deus submetido ao conselho dos anjos (a que também assistia o Demônio), a maneira pela qual devia ser arruinado el-rei Acab, assim prossegue:

"Ouvida a proposta de Deus, foram respondendo os anjos como lhes cabia, e diz o texto que uns diziam de um modo, e outros de outro: *Unus verba hujusmodi, et alius aliter*: porque até entre os anjos pode haver varie-

(7). — *Ibidem,* pg. 425.

dade de opiniões, sem menoscabo de sua sabedoria, nem de sua santidade; e para que acabe de entender o mundo, que ainda que algumas opiniões sejam angélicas, nem por isso são menos angélicas as contrárias.

"No último lugar falou o demônio ["*o mais bem entendido de todos os anjos*" — no dizer de Vieira (8)] e falou breve, resumido, substancial e resoluto: *Ego decipiam illum: egrediar et ero spiritus mendax in ore omnium prophetarum ejus*. Suposto, Senhor, que Vossa Majestade Divina tem resoluto ou permitido seja enganado Acab, para ser destruído; o meio mais a propósito para se enganar, é que lhe mintam todos os seus conselheiros, que são os profetas, a quem êle consulta: e a pessoa que sem dúvida os fará mentir a todos (diz o demônio) serei eu, porque me transformarei em espírito de mentira, e me meterei nas suas línguas. Até aqui o diabo. Ouvi agora e pasmai. Não tinha bem acabado de dizer o demônio quando Deus se conformou inteiramente com o seu voto, e não só lhe cometeu a emprêsa, mas segurou a todos o sucesso dela: "*Decipies et praevalebis: egredere, et fac ita*". Ainda me estou benzendo, depois que isto li. Quem tal coisa crera se a não afirmara Miqueas, como testemunha de vista? E' possível que no seu conselho sacratíssimo e secretíssimo, há Deus de admitir o demônio? E é possível que não só o há de admitir e ouvir, senão que há de aprovar o seu voto, e se há de conformar só com êle, deixando o parecer de tantos anjos, e de tantos príncipes do céu? Sim. Porque a prudência e obrigação do Senhor supremo, não é tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor: não é seguir as razões dos grandes, senão as grandes razões: não é somar os votos, senão pesá-los. E porque o demônio neste caso votou melhor que os anjos, por isso se não conforma Deus com o parecer dos anjos, senão com o voto do demônio.

"Os anjos, com serem anjos, votaram uns assim, outros assim, como diz o texto; mas o demônio, vêde que gentilmente votou... E sendo o voto do demônio tão medido com a proposta, sendo tão ajustado com o fim, sendo tão proporcionado nos meios, por que o não havia de aprovar Deus, e por que o não havia de antepor ao de tôdas as gerarquias? Olhar para a gerarquia de quem votou, é querer venerar os votos, mas não acertá-los... Há-se de avaliar o voto pelos merecimentos do mesmo voto, e nada mais. Ainda que a pessoa que votou seja o sujeito mais vil do mundo, qual era o demônio, e ainda que seja a que está mais fora da graça do príncipe, como o demônio estava, se o seu voto fôr o melhor, há de preferir o seu voto" (9).

VIEIRA E A PERFECTIBILIDADE HUMANA.

No *Sermão de São Pedro* pregado em Lisboa em 1644, investe contra os misoneistas, adoradores do passado e inimigos do presente:

(8). — *Vide* Vieira: "*Sermões*", vol. III, pg. 205.
(9). — *Idem, ibidem*, vol. IV, pgs. 199 a 202.

"Grande é o ódio que os homens têm à idade em que nasceram. Não diziam que Cristo era um Profeta como os antigos, senão um dêles: *Unus de prioribus*. Pois assim como antigamente houve Profetas, não poderia também agora haver um? Cuidam que não. Por menor milagre tinham ressuscitar um dos Profetas passados, que nascer em seu tempo outro como êles. Tudo o moderno desprezam, só o antigo veneram... Ora desenganem-se os idólatras do tempo passado, que também no presente pode haver homens tão grandes como os que já foram, e ainda maiores" (10).

Finalmente, na *História do Futuro*, coloca-se com desassombro ao lado dos que, com Fontenelle, Condorcet e Augusto Comte, sustentam a perfectibilidade humana, fazendo calorosa apologia das novidades e inovações:

"Pensão é muito antiga das coisas boas e grandes seram acusadas de novas. E' por ventura o saber e dizer patrimônio só da Antigüidade, e morgado, como o de Isac, que dada a bênção a Jacó, não ficava outra para Esaú? Houve por ventura neste grande oceano da ciência alguma nau Vitória (uma das da esquadra de Fernão Magalhães: nela Sebastião del Cano completou a primeira circunavegação) que desse volta a todo o mar? Ou algum Gama que, passado o Cabo da Boa Esperança, a tirasse a todos os outros de novos descobrimentos? E se depois dêste famoso círculo do Universo, ainda ficaram mares e terras incógnitas que prometem novas emprêsas, e novos argonautas, que será na esfera da sabedoria e da verdade, cuja imensa e infinita circunferência só a pode abraçar o que é imenso, e compreender o que é infinito? Se depois dos antiqüíssimos tiveram de descobrir os menos antigos, por que não quereriam os adoradores ou aduladores da Antigüidade, que ainda depois de tanto dito, houvesse ainda mais que dizer, e depois de tanto estudado e sabido, mais ainda que estudar e saber? Como temo que os que condenam as cousas novas são aquêles que não podem dizer senão as muito velhas, e pode ser que muito remendadas! O grande Padre Soares que tanto tinha em si do que os antigos souberam, dizia que de boamente dera de alvissaras o que sabia, se lhe dessem o que ignorava. Isto era o que tinha ficado aos vindouros para poderem saber e dizer de novo; e querer precisamente que nos atássemos em tudo ao passado, era querer atar os vivos aos mortos, cruelmente que só se lê de Mezêncio.

"A antigüidade das obras é um acidente extrínseco que nem tira, nem acrescenta validade, e só porque põe os autores delas mais longe dos olhos da inveja, lhes grangeia a triste fortuna de serem mais venerados ou melhor conhecidos depois da morte, que vivos... Que cousa há hoje tão antiga, que não fôsse nova em algum

(10). — *Idem, ibidem*, vol. VII, pg. 320.

tempo? Se depois do divino Platão (como pondera Túlio) não acovardaram os seus escritos a Aristóteles para que não escrevesse, nem a admirável sabedoria e cópia do mesmo Aristóteles pôde apagar os fogosos espíritos de tantos filósofos que depois dêle e sôbre êle escreveram, sendo por comum aprovação do Mundo um dos maiores engenhos que produziu a Grécia e a mesma natureza, por que havemos de querer abreviar as mãos do Autor dela e cuidarmos que já não podem falar de novo os homens presentes, e só lhes damos licença para decorarem e repetirem o que disseram os passados? Se assim fôra, debalde nos deu Deus o entendimento, pois nos bastava a memória. Porque, como bem disse Sêneca, saber só o que os Antigos souberam, não é saber, é lembrar-se: "*Aliud est meminisse, aliud scire. Meminisse est rem comissan memoriae custodire; at contra scire, est et sua facere quemque, nec ab exemplari pendere, et toties ad magistratum respicere*" (*).

"Êstes tais haviam de ter a testa virada para as costas, como dizem os italianos dos alemães, que todos se ocupam na erudição do passado, sem descobrir nem inventar coisa nova. Muito alcançaram os Antigos, e se lhes deve o primeiro louvor; mas ainda nos deixaram seus grandes talentos em que exercer os nossos...

"Vai crescendo a inteligência, a ciência e a sabedoria pelos mesmos graus do tempo com que vão passando os anos, os séculos e a idade...

"Um pigmeu sôbre um gigante pode ver mais que êle. Pigmeus nos conhecemos em comparação daqueles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas Escrituras. Êles sem nós viram muito mais do que nós podemos ver sem êles, mas nós, como vivemos depois dêles, e sôbre êles por benefício do tempo, vemos hoje o que êles viram, e um pouco mais. O último degrau da escada não é maior que os outros, antes pode ser menor; mas basta ser o último, e estar em cima dos mais, para que dêle se possa alcançar o que de outros não se alcança...

"Não tinha a nova versão da Sagrada Escritura (de São Jerônimo), que hoje se chama *Vulgata*, outro reparo mais que a glória de ser sua e nova; mas sôbre esta lhe argüia Rufino e outros homens doutos tais calúnias, que a queriam fazer não menos que herética, como se só os antigos fôssem católicos e a verdade sem cãs não fôsse verdade. Uns o faziam por zêlo, outros por inveja, muitos por malícia, todos por ignorância" (11).

(*). — "Uma coisa é lembrar, outra coisa é saber. Lembrar é guardar uma coisa confiada à memória; saber é ser apto a fazer as coisas, sem necessidade de exemplos e sem a cada passo recorrer aos mestres". Sêneca, Epístola XXXIII. Tradução de Hernâni Cidade.

(11). — *Vide* Vieira: "*História do Futuro*", pgs. 140, 159, 160, 163, 169, 170, 177, 187, 188 *et passim* do vol. VIII das "*Obras Escolhidas*", ed. da Livraria Sá da Costa, com prefácios e notas de Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, Lisboa, 1953.

O PROGRESSO INTELECTUAL DO HOMEM.

Procurando ressaltar a proeminência dos modernos sôbre os antigos — no que é um predecessor de Fontenelle, Perrault e Lamotte, pois a *História do Futuro* foi escrita antes de qualquer manifestação dêsses três publicistas — torna-se Vieira um dos paladinos da tese do progresso intelectual da humanidade. Teria sido imperdoável injustiça não incluí-lo Rigault, com destaque, em sua *"Histoire de la querelle des anciens et des modernes"* (12), não fôra a sua total ignorância da obra do jesuíta luso.

E' muito filosófico o modo de colocar Vieira a questão. Deixando o campo exclusivamente literário, onde o fator subjetivo do gôsto é preponderante, e, portanto, fugidio, passa a discussão para o terreno seguro e palpável da ciência e de suas aplicações, como se vê no seguinte passo:

> "Excelente exemplo é nesta matéria o das ciências e artes, ainda naturais, as quais em seus princípios e rudimentos foram imperfeitas, e com os anos, experiência e exercício se vêem hoje sublimadas a tão eminente perfeição, como a náutica, a bélica, a música, a arquitetura, a geografia, a hidrografia e tôdas as outras matemáticas, e muito em particular a cronologia. E assim como estas mesmas ciências e artes cresceram e se apuraram muito com o socôrro e aparelho de esquisitos instrumentos, que nelas se inventaram, como foi na náutica o astrolábio, a agulha e o admirável segrêdo da pedra de cevar; e na bélica o terribilíssimo e subtilíssimo invento da pólvora, que deu alma e ser a tantos e tão notáveis instrumentos de guerra, assim também puderam crescer e aumentar-se muito as ciências divinas e chegar à perfeição e eminência em que hoje se vêem com os instrumentos próprios delas, que é a multidão de livros espalhados e facilitados por todo o mundo pelo benefício da impressão, com que a doutrina e ciência particular dos homens insignes se faz comum a todos em tão distantes lugares, não sendo menor a comodidade dos mestres, que são instrumentos vivos das ciências, no concurso de tantas e tão diversas universidades, teatros e oficinas públicas de tôda a sabedoria; comodidade de que no tempo dos Padres se carecia, sendo necessário ao Doutor Máximo, São Jerônimo, como êle mesmo escreve, copiar com imenso trabalho os livros por sua própria mão e peregrinar à Grécia, à Palestina, ao Egito e às Gálias para recolher os escritos de Santo Hilário, ouvir a São Gregório Nazianzeno, a Didimo e aos mestres mais peritos na língua hebraica; inconve-

(12). — *Vide* Hippolyte Rigault: *"Histoire de la querelle des anciens et des modernes"*, Paris, Hachette, 1856, pgs. 124, 176 *et passim*. Sôbre a controvérsia em tôrno dos antigos e modernos, é muito útil a leitura do que a respeito escreve Augusto Comte no *Curso de Filosofia Positiva*, vol. IV, pgs. 170 a 175 da 4a. ed., Paris, 1877.

nientes que só podia vencer e contrastar um tão alentado espírito e zêlo de servir à Igreja, como do grande Jerônimo, digno tanto de imortal louvor pela eminência de sua sabedoria, como pelos gloriosos trabalhos e suores com que a adquiriu e conquistou" (13).

VIEIRA CARTESIANO.

Sendo, portanto, um modernista, não é de espantar adotasse Vieira o automatismo de Descartes, no *Sermão 27.º do Rosário,* onde sustenta, de acôrdo com o sistema cartesiano, que os animais só possuem corpo.

> "Os homens — discorre — não são feitos de uma só peça, como os Anjos e os brutos. Os Anjos e os brutos (para que nos expliquemos assim) são inteiriços; o Anjo porque todo é espírito; o bruto, porque todo é corpo. O homem não. E' feito de duas peças, alma e corpo" (14).

Embora apenas implícita, não será esta uma das primeiras referências ao cartesianismo em Portugal?

VIEIRA E A MENTIRA DE TRÊS CÔRES.

Nos *"Meteoros"*, publicados em 1637 com o *Discurso do Método*, acabara Descartes com o que de maravilhoso apresentava o arco-íris, considerando-o um belo exemplo da refração. Fazendo experiências com uma bola de vidro cheia dágua, evidenciara o filósofo não ser o arco-íris senão a decomposição da luz pela chuva ou pelas minúsculas gotas de água, resultantes da condensação do vapor, de que se formam as nuvens, podendo aparecer, não só no céu, mas no ar, dizia êle,

> "tôdas e quantas vêzes várias gotas de água foram iluminadas pelo sol" (15).

Mais familiarizado com a ciência do seu tempo do que Bossuet, o qual, no *"Discurso Sôbre a História Universal"*, publicado em 1681, ainda sustenta ser o arco-íris *"um dos principais ornamentos do trono de Deus"* e símbolo de sua aliança com o homem (16), Vieira diz no *Sermão do Santíssimo Sacramento* pregado em Lisboa, em 1645, apenas oito anos depois dos *"Meteoros"* de Descartes, que

> "na Iris ou Arco celeste, todos os nossos olhos jurarão que estão vendo variedade de côres: e contudo en-

(13). — *Vide* Vieira: *"História do Futuro"*, pgs. 181 a 183 do vol. VIII das *"Obras Escolhidas"*, ed. cit.
(14). — *Vide* Vieira: *"Sermões"*, vol. XII, pg. 307.
(15). — *Vide* Descartes: *"Oeuvres Complètes"*, vol. VI, pg. 325 da ed. Adam-Tannery.
(16). — *Vide* Bossuet: *"Discours Sur L'Histoire Universelle"*, pg. 127 do vol. XXIII das *"Oeuvres Complètes"*, Paris, Mellier Frères, 1849.

sina a verdadeira Filosofia que naquele Arco não há côres, senão luz e água" (*).

No *"Sermão da Segunda Dominga da Quaresma"*, pregado na Capela Real em 1651, é mais categórico e afirma sem cerimônia que

> "isto que chamamos céu, é uma mentira azul, e o que chamamos arco-iris, ou arco-celeste, é outra mentires, senão luz e água" (*).

E, no *"Sermão da Quinta Quarta-Feira da Quaresma"*, pregado em 1669, diria ainda:

> "O rústico, porque é ignorante, vê que a lua é maior que as estrêlas; mas o filósofo, porque é sábio, e mede as quantidades pelas distâncias, vê que as estrêlas são maiores que a lua. O rústico, porque é ignorante, vê que que o céu é azul, mas o filósofo, porque é sábio, e distingue o verdadeiro do aparente, vê que aquilo que parece céu azul, nem é céu. O rústico, porque é ignorante, vê muita variedade de côres no que êle chama Arco da Velha; mas o filósofo, porque é sábio e conhece que até a luz engana (quando se dobra) vê que ali não há côres, senão enganos corados e ilusões da vista. E se a ignorância erra tanto, olhando para o céu, que será se olhar para a terra?... E os erros dos homens não provêem apenas da ignorância, mas, principalmente, da paixão. A paixão é a que erra, a paixão a que os engana, a paixão a que lhes perturba e troca as espécies para que vejam umas coisas por outras. Os olhos vêem pelo coração, e assim como quem vê por vidros de diversas côres, tôlas as coisas lhe parecem daquela côr, assim as vistas se tingem dos mesmos humores, de que estão, bem ou mal, afetos os corações" (18).

Aqui se acha, em poucas linhas, mais uma vez claramente exposta a lógica dos sentimentos, dois séculos mais tarde retomada e desenvolvida por Augusto Comte. A ela ainda voltaria Vieira no seguinte passo da *"História do Futuro"*:

> "Se os olhos estão encobertos e escurecidos com o véu do afeto ou com a nuvem da paixão; se os cega o amor ou o ódio, a inveja ou a lisonja, a vingança ou o interêsse, a esperança ou o temor, como se pode entender a verdade da profecia por muito clara que esteja,

---

(*). — *Vide* Vieira: *"Sermões"*, vol. I, págs. 200 a 201 da Reprodução facsimilada da edição de 1679, Ed'tôra Anchieta Limitada, São Paulo.

Eugênio Gomes, ao qual *A Literatura no Brasil*, superiormente dirigida por Afrânio Coutinho, deve, entre outros, um esplêndido capítulo sôbre Vieira, foi quem gentilmente chamou a atenção do autor para o passo supracitado. Fê-lo a propósito de um artigo do autor, estampado no *Jornal do Comércio* de 26 de de maio de 1956.

Aqui ficam, ao brilhante homem de letras, os sinceros agradecimentos do autor.

(17). — *Vide* Vieira: *"Sermões"*, vol. III, pág. 46.

(18). — *Idem, ibidem*, vol. IV, pgs. 101 e 102.

quando o primeiro intento é negá-la ou quando menos escurecê-la?" (19).

Adotando, em 1645, em sermão pregado em Lisboa, a então recentíssima teoria cartesiana do arco-íris, Vieira é uma prova da improcedência do que sustenta o insigne matemático luso, Gomes Teixeira, em suas primorosas lições sôbre a *"História das Matemáticas em Portugal"*, onde se lê que

> "os fulgores da ciência e da filosofia de além dos Pirineus só começaram a chegar a Portugal quando no século XVIII o Marquês de Pombal reformou amplamente os estudos portuguêses" (20).

Ora, além de mostrar conhecer o automatismo cartesiano, como vimos, Vieira, apenas oito anos depois da publicação da *Diótrica* e dos *Meteoros* de Descartes, explìcitamente e sem ambages, lhe sustenta a doutrina do arco-íris em sermão que antecedeu, de mais de um século, à reforma de Pombal.

Nem é de Dom Francisco Manuel de Melo, no *Hospital das Letras*, saído a lume em 1657, o primeiro contacto de Portugal com Descartes, pois que, à teoria do arco-íris dêste último, já aludira Vieira, translùcidamente, doze anos antes.

E não precisava Vieira, para conhecer a obra de Descartes, vê-la citada por Soares Lusitano, cujo *Cursus Philosophicus* (t. III, *Tract. De generatione et corruptione*) é de 1651, porquanto aí o seu confrade jesuíta sòmente se refere à teoria da circulação do sangue esposada pelo autor do *Discurso do Método*, enquanto à sua teoria do arco-íris já se reportara Vieira seis anos antes, isto é, em 1645.

Antes mesmo de sua primeira viagem à França, em 1646, já travara, portanto, Vieira conhecimento com a obra do fundador da filosofia moderna, pois a ela já aludira, conforme vimos, no ano anterior.

Como faz ver o Professor Joaquim de Carvalho num precioso estudo sôbre *"Descartes e a cultura filosófica portuguêsa"* (21), o Embaixador de Portugal em Paris, Dom Vasco Luís da Gama, primeiro Marquês de Niza, aí conviveu com o grande amigo de Descartes, Padre Mersenne. Tratando Vieira demoradamente com o Marquês em suas viagens à França e à Holanda, é provável houvessem conversado sôbre a obra de Descartes que, por êsse tempo,

---

(19). — *Vide* Vieira: *"Obras Escolhidas"*, vol. VIII, pg. 153.
(20). — *Vide* Gomes Teixeira: *"História das Matemáticas em Portugal"*, pg. 205, Lisboa, 1934.
(21). — *Vide* Joaquim de Carvalho: *"Descartes e a cultura filosófica portuguêsa"*, pgs. 44, 58 e 59 das *"Memórias da Academia das Ciências de Lisboa"*, Classe de Ciências, 1939, t. II.

despertava grande interêsse em França e em tôda a Europa, e especialmente em Holanda, onde residia o filósofo.

Mas, foi mesmo em Lisboa, antes de sua primeira viagem à França e à Holanda, que entrou Vieira em contacto com o pensamento de Descartes, pois, em 1645, já se refere à teoria cartesiana do arco-íris. E de certo êsse contacto êle o obteve através de um de seus confrades, o notável matemático jesuíta, Padre João Pascásio Ciermans, conhecido, em Portugal, pelo nome de Cosmander. Era êle um inaciano flamengo que, em 1640, publicara, em Lovaina, um livro intitulado *Disciplinae Mathematicae*, e, em 1641, fôra a Portugal com destino à China e acabou permanecendo em Lisboa como engenheiro-mor e professor de matemática do Príncipe Dom Teodósio. Depois de graduado no posto de coronel do exército luso, foi aprisionado pelos castelhanos, e, passando-se para êles, foi morto pelos portuguêses, em 1648, no cêrco de Olivença (22).

Em março de 1638, estando em Lovaina, em cuja Universidade era professor, o Padre Ciermans escreve a Descartes dizendo-lhe haver recebido, através de Plempius, o *"Discurso do Método"*, publicado em 1637, juntamente com os *Meteoros*, a *Diótrica* e a *Geometria*. E, depois de declarar a Descartes que lhe agradava a atitude assumida pelo filósofo de deixar os caminhos batidos, e que abandonar as *qualidades* ocultas e explicar pelo tato e pela visão o que a natureza apresenta de mais recôndito, eqüivalia a descobrir um *Novo Mundo*, oferece o Padre Ciermans objeções sôbre um dos mais controvertidos pontos da teoria cartesiana do arco-íris: a explicação da diversidade dos raios luminosos (23). Em 23 de março dêsse mesmo ano, respondeu-lhe Descartes longamente, confessando ser êsse, na verdade, um dos pontos mais fracos do seu sistema, e, em cartas a Mersenne e a Plempius, mais de uma vez se refere a Ciermans (24).

---

(22). — *Vide* Padre Francisco Rodrigues: *"História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal"*, tomo terceiro, vol. I, pgs. 172, 173, 187 e 408 a 411.

(23). — *Vide* Descartes: *"Oeuvres"*, publiées par Charles Adam et Paul Tannery sous les auspices du Ministère de l'Instruction Publique, Paris, 1898, vol. II, pgs. 55 a 62, 70 a 81, *et passim;* Descartes: *"Correspondance"*, publiée avec une introduction et des notes par Charles Adam e Gaston Milhaud, t. I, pgs. 432 e 433, e t. II, pgs. 176 a 185, e 197 a 212, Paris, Alcan, 1936 e 1939.

Veja-se também o belo artigo de Antônio Alberto de Andrade: *"O movimento científico moderno e a filosofia antes de Vernei — séculos XV e XVII"*, *in "Brotéria"* vol. XXXI, pgs. 72 a 82, Lisboa, 1944. Neste primoroso artigo da *Brotéria*, Antônio Alberto de Andrade — é justo assinalar — segue com denodo a trilha luminosamente aberta, em diversos artigos da própria *Brotéria*, pelo Padre Domingos Maurício, tão sereno quanto seguro em suas afirmativas.

(*Vide Brotéria*, vols. 20, 21, 22, 35, 36 *et passim*). Veja-se ainda o livro de Antônio Alberto de Andrade: *"Vernei e a filosofia portuguêsa"*, pgs. 174, 176, Braga, 1946.

(24). — *Vide* Charles Adam e Paul Tannery: nota prévia à carta dirigida por Ciermans a Descartes em março de 1638, *in "Oeuvres de Descartes"*, ed. cit., vol. II, pg. 55.

Sendo Vieira preceptor do Príncipe Dom Teodósio, é muito provável que, através do seu confrade, que ao Príncipe lecionava matemática, tivesse tomado conhecimento da obra de Descartes, que tão fundamente vinha revolucionando o pensamento do seu tempo, e a cuja teoria do arco-íris claramente alude em 1645, conforme vimos no passo supracitado.

Outra fonte de conhecimento da obra de Descartes, por parte de Vieira, antes também de sua primeira viagem à França, ainda poderia ter sido o engenheiro militar João Gillot, que o filósofo, em 1638, declarava ser

> *"o primeiro e quase único discípulo que porventura tivera e a melhor inteligência para as matemáticas", "aquêle, em todo o mundo, que melhor conhecia o seu método",*

resolvendo, com grande facilidade, problemas propostos ao filósofo por Fermat (25).

Em 1642, João Gillot, que havia professado matmática na Escola Militar de Leide, foi ser engenheiro em Lisboa por interferência do próprio Descartes junto a Constatino Huyghens, então Secretário do Príncipe de Orange, ao qual Dom João IV, recentemente proclamado rei, mandara solicitar, através do Embaixador Tristão de Mendonça Furtado, a indicação de técnicos que se encarregassem da fortificação militar do reino (26).

Muito possível é que Vieira, por êsse tempo engolfado a fundo na defesa e resistência contra Castela, tivesse tido contactos e conversas com Gillot, que a Lisboa fôra ter por interferência direta de Descartes, de quem certamente se orgulhava de haver sido discípulo. Curioso é assinalar aqui a coincidência do fim de Gillot com o do Padre Ciermans: é que também foi morto no cêrco de Olivença, mas, ao contrário do jesuíta flamengo, lutando ao lado dos portuguêses, nove anos mais tarde, isto é, em 1657.

Seja como fôr, não procede o que freqüentemente se lê em autores lusos de altos méritos, como, entre outros, Gomes Teixeira, ao dizer que

> "presos às velhas doutrinas Peripatéticas e dos Escolásticos medievais, não introduziram os jesuítas em

---

(25). — *Vide* o excelente trabalho do insigne Professor Joaquim de Carvalho, supracitado, pgs. 43 e 56 a 58; *"Correspondance of Descartes and Constantyn Huygens — 1635-1647"*, edited by Leon Roth, pgs. 74 e 75, Oxford, 1926, e Descartes: *"Correspondance publiée par Ch. Adam e G. Milhaud"*, t. I, pgs. 448 e 449, Paris, Alcan, 1936, e *"Oeuvres de Descartes"*, ed. cit., vol. II, pg. 89.

(26). — *Vide* Professor Joaquim de Carvalho, loc. cit., pgs. 56 e 67; e *"Correspondance of Descartes and Constantyn Huygens — 1635-1647"*, edited by Leon Roth, pgs. 151, 152, 157 e 158, Oxford, 1926.

Portugal as descobertas que no campo da ciência se iam fazendo fora dêle" (27).

A verdade é que os jesuítas, tinham de subordinar-se à Inquisição, às Mesas Censórias e Índices Expurgatórios. Se as teorias heliocêntricas de Copérnico e Galileu, e as doutrinas filosóficas de Bacon, Descartes, Espinosa e outros pensadores modernos estavam condenadas pela Igreja, através da Congregação do Índex, que poderiam fazer os jesuítas senão acatar essa condenação, sem serem, entretanto, de nenhum modo, responsáveis por ela, como o evidencia o arrôjo do pensamento de Vieira e de tantos outros de seus confrades que figuram na vanguarda intelectual do Catolicismo de seu tempo? E a prova está no fato de que, intentando os jesuítas, no comêço do século XVIII,

> "*introduzir nas cadeiras de Filosofia do Colégio de Coimbra, outra forma de lição, da que até então se observava e mandavam os Estatutos*",

foi-lhes expressamente proibido êste ousio por Provisão de Dom João V, datada de 23 de setembro de 1712, e dirigida a Dom Gaspar de Moscoso e Silva, Reitor da Universidade (28). E quem, em pleno século XVIII, levou o Rei a essa medida de que resultaria manter estacionário, nos moldes quinhentistas, o pensamento português, foi o Tribunal da Mesa da Consciência e Ordens, criado por Dom João III, o introdutor da Inquisição em Portugal.

VIEIRA E A CRÍTICA HISTÓRICA.

Na "*História do Futuro*" formula Vieira sérias restrições relativamente à História, como era feita até a sua época, isto é, desprovida de severo crivo crítico, revelando-se, neste particular, um predecessor do que preconizaria Fréret no século XVIII:

> "E digo que sem injúria nem agravo de tôdas as outras histórias humanas, porque, como bem terão advertido os mais lidos e versados, assim nas antigas como nas modernas, tôdas elas estão cheias, não só de coisas incertas e improváveis, mas alheias e encontradas com a verdade, e conhecidamente supostas e falsas, ou por culpas ou sem culpas dos mesmos historiadores.
>
> "Que historiador há ou pode haver, por mais diligente investigador que seja dos sucessos presentes ou passados, que não escreva por informação? E que infor-

---

(27). — Gomes Teixeira: "*História das Matemáticas em Portugal*", pg. 205, Lisboa, 1934.

(28). — *Vide* Professor Antônio Alberto de Andrade: "*Vernei e a filosofia portuguêsa*", pgs. 252 e 253, Braga, 1954.

mações há de homens, que não vão envoltas em muitos erros, ou da ignorância, ou da malícia? Que historiador há de tão limpo coração e tão inteiro amador da verdade, que o não incline só o respeito, a lisonja, a vingança, o ódio, o amor, ou da sua, ou de alheia nação, ou do seu ou de estranho príncipe? *Tôdas as penas nasceram em carne e sangue, e todos na tinta de escrever misturam a tinta do seu afeto.*

"Prova Tácito a verdade da sua história, com ter longe as causas do ódio e amor; mas de aí se convence contra êle, que também tinha longe as informações da verdade. O certo é que só tinha perto a ambição de seu próprio juízo, com que formava os processos para as sentenças, e não as sentenças sôbre os processos. Por isso Tertuliano lhe chamou com razão *mendaciorum loquacissimum*.

"Não aponto erros em particular das história mais vizinhas a nossos tempos por reverência dêles, e porque fôra matéria infinita...

"Quem quiser ver claramente a falsidade das histórias humanas, leia a mesma história por diferentes escritores, e verá como se encontram, se contradizem e se implicam no mesmo sucesso, sendo infalível que um só pode dizer a verdade e certo que nenhum a diz..." (29).

A CULTURA DE VIEIRA.

Bibliotecário em todos os Colégios da Companhia de Jesus e "sendo por mar e por terra seus companheiros inseparáveis os livros", nas suas próprias palavras (30), conhecia não só os autores de seu tempo, mas ainda os da Antigüidade, como Arquimedes, de cuja *Arenária* apresenta, em poucas linhas, perfeito resumo no *"Sermão de Nossa Senhora do Ó"*:

"Perguntam curiosamente os matemáticos, se desde o centro da terra até o céu estivesse todo êste mundo cheio de areia miudíssima, quanto seria o número daqueles grãos de areia? Esta questão excitou já antigamente Arquimedes, ainda mais estendida, e não é dificultosa de resolver; porque medida primeiro geomètricamente a capacidade ou côncavo do céu da lua, logo por demonstração aritmética se colhe com certeza quanto seria o número das areias que o podem encher. Mas reduzido êste mesmo número inumerável a figuras aritméticas, parece coisa digna de admiração, que todo êle somado se venha a resumir em uma unidade e trinta e duas cifras sòmente" (31).

---

(29). — *Vide* Vieira: *"História do Futuro"*, pgs. 135 a 138 do vol. VIII das *"Obras Escolhidas"*, ed. Sá da Costa.

(30). — *Vide* Vieira: *"Defesa do livro intitulado "Quinto Império" e respostas das proposições censuradas pelos Inquisidores, estando recluso nos cárceres do Santo Ofício"*, pgs. 158 e 159 do vol. VI das *"Obras Escolhidas"*, ed. Sá da Costa.

(31). — *Vide* Vieira: *"Sermões"*, vol. X, pg. 202.

O RELATIVISMO DE VIEIRA.

Afeito ao pensamento científico de seu tempo, não é de estranhar se inclinasse Vieira ao relativismo que conduz à modificação das opiniões:

> "Quantos julgadores há que, no voto, ou na tenção, ou na sentença, reputam por descrédito o retratar-se, e seguindo o ditame ou seita de Pilatos têm por timbre o dizer: *Quod scripsi scripsi!* E também pode ser que haja algum, o qual sem reparar em que se condena não se retratando, ou pela inveja de que outro votou melhor, ou pela soberba de não confessar que errou, não tema acompanhar a Lúcifer no castigo como o imita na contumácia. O retratar-se não é argumento de não saber, mas de saber que muitas vêzes pode acertar o menos douto no que o mais letrado não advertiu. Que comparação tinha na ciência Jetro com Moisés? E contudo conheceu Moisés que o ditame de Jetro era mais acertado, e logo retratou o seu e seguiu o alheio... Não era Moisés nem Agostinho como aquêles que defendem obstinadamente o que uma vez disseram, só porque o disseram; mas porque só buscavam e amavam a verdade, em qualquer parte que a achavam, e de qualquer bôca que a ouviam, a seguiam e abraçavam sem contenda nem controvérsia. O verdadeiro saber é de saber reconhecer a verdade ainda que seja filha de outros olhos ou de outro entendimento, e não se cegar com o próprio" (32).

VIEIRA E A HISTÓRIA.

No *"Discurso Apologético — Palavra do Pregador empenhada e defendida"* — define Vieira a História como "aquêle espêlho em que olhando para o passado, se antevêem os futuros" (33).

Na sua concepção da ordem filosófica das épocas históricas, é Vieira um predecessor de Augusto Comte. Eis o que escreve êste último no capítulo sexto do segundo volume da *Política Positiva* consagrado à *Teoria da Existência Social*:

> "O presente não constitui jamais senão uma vaga e rápida transição entre duas imensidades de tempo, diretamente ligadas uma à outra. Como há trinta anos eu estabelecia, retificando, em meu opúsculo fundamental, o célebre aforismo de Leibniz: "A ordem cronológica das épocas não é de todo a sua ordem filosófica; em vez de dizer o passado, o presente, e o futuro, dever-se-ia dizer o passado, o futuro e o presente". Com efeito, êste pretenso meio têrmo da série natural dos tempos não pode jamais ser realmente concebido senão através das duas idades extremas que reune e separa, de conformidade

(32). — *Idem, ibidem*, vol. VIII, pgs. 208, 209, 210.
(33). — *Idem, ibidem*, vol. XV, pg. 80.

com uma lei lógica de que já tenho feito freqüentes aplicações decisivas" (34).

Antecipando-se de quase dois séculos ao fundador da Sociologia, diz Vieira no *Sermão de Quarta-Feira de Cinza*, pregado em Roma em 1672:

> "Se quereis ver o futuro, lede as histórias e olhai para o passado; se quereis ver o passado, lede as profecias, e olhai para o futuro. E quem quiser ver o presente para onde há de olhar? Não o disse Salomão, mas eu o direi. Digo que olhe juntamente para um e para outro espêlho. Olhai para o passado e para o futuro e vereis o presente. Se no passado se vê o futuro, e no futuro se vê o passado, segue-se que no passado e no futuro se vê o presente, porque o presente é o futuro do passado e o mesmo presente é o passado do futuro" (35).

VIEIRA E GALL.

Apoido em Aristóteles, antecipou-se Vieira também a Gall, que foi quem definitivamente estabeleceu a distinção entre os estados ativo e passivo em que se podm achar os nossos sentidos.

Eis a translucidez com que se exprime, entre muitos outros, no *Sermão da Quinta Quarta-Feira da Quaresma* pregado em 1669 em Lisboa:

> "Que seja possível ver e não ver juntamente, já o tendes visto. Direis que sim, mas por milagre. Eu digo que também sem milagre, e muito fácil e naturalmente. Não vos tem acontecido alguma vez os olhos postos e fixos em uma parte, e porque no mesmo tempo estais com o pensamento divertido, ou na conversação, ou em algum cuidado, não dar fé das mesmas coisas que estais vendo?... Não basta ver para ver, é necessário olhar para o que se vê" (36).

VIEIRA E A TEORIA DAS RAÇAS.

Outro ponto onde se revela Vieira, no domínio especulativo, um precursor, é a teoria das raças.

No século XVIII e no XIX sustentaram Buffon, Kant, Vicq D'Azir e Blainville, corroborados por outros naturalistas e antropólogos, ser a influência do calor uma das grandes causas modificadoras dos sêres vivos, desde as zonas frias, habitadas pelos lapônios e esquimós em companhia das focas e ursos brancos, até às regiõe ardentes, disputadas aos africanos pelos leões e panteras.

---

(34). — Augusto Comte: *"Système de Politique Positive"*, vol. II, pgs. 364 e 365 da 1a. ed., e vol. IV, *Appendice Général*, pg. 100.
(35). — *Vide* Vieira: *"Sermões"*, vol. II, pg. 164. Ver também vol. XV, pg. 80.
(36). — *Idem, ibidem*, vol. IV, pgs. 94 e 96. Ver também vol. XV, pgs. 51 e 52.

Nos *"Discursos"* de Buffon encontra-se a doutrina de serem as variações de calor, em grande parte, responsáveis pelas diferenciações da côr e estatura entre os habitantes do globo, que formam, de um polo a outro, uma só espécie, ramificada pela variedade dos climas, a qual deu origem às três principais raças: branca, amarela e negra. E, o que ocorreu com a nossa espécie sob a ação do clima, também aconteceu com as outras. Relativamente aos vegetais (os mais rudimentares e menos modificáveis dos sêres vivos), só a diversidade de altitude basta para separar zonas de verduras distintas, como salienta Humboldt a propósito dos Andes, onde se sucedem verdadeiras escadarias vejetais.

Dêste ponto de vista já participa Vieira no *Sermão da Epifania* pregado na Capela Real em 1662, onde, abandonando a tradição bíblica da maldição de Noé contra Cham e seus descendentes, sustenta que

> "a causa da côr é o sol. As nações, umas são mais brancas, outras mais pretas, porque umas estão mais vizinhas, outras mais remotas do sol" (37).

VIEIRA, COMTE E FREUD.

O mais curioso é que, apoiado em Aristóteles, seja ainda Vieira um precursor de Comte e Freud na teoria dos sonhos. Fêz ver Comte que os sonhos trazem sempre o cunho dos instintos dominantes. Se o coração dirige o espírito no estado de vigília, apesar das impressões exteriores, muito mais há de fazê-lo no sono, quando essas mesmas impressões se acham suspensas. Daí ser legítimo esperar conduza a teoria cerebral, convenientemente aplicada, a bem interpretar os sonhos, e mesmo modificá-los, como, pondo-se na trilha do filósofo, vem fazendo a escola de Freud. Nada disto era, porém, novidade para Vieira, senhor da enciclopédia aristotélica, onde muitas vêzes vamos encontrar, em germe, teorias que nos parecem hoje imensas novidades. Eis, realmente, como discorre nos *Sermões de São Francsico Xavier Dormindo*:

> "Um dos maiores mistérios e mais delicados segredos da natureza na arquitetura humana é a fábrica dos sonhos. Sendo o sono uma prisão universal dos sentidos com que os olhos não vêem nem os ouvidos ouvem e assim dos demais; como pode ser que sonhando vemos sem ver, e ouvimos sem ouvir, e exercitamos os atos dos outros sentidos como se estiveram espertos? A razão ou filosofia dêste artifício natural é porque na memória estão depositadas as espécies de todos os objetos, ou as imagens de tôdas as coisas que entram pelos sentidos. Estas imagens, enquanto os sentidos dormem, estão encober-

(37). — *Idem, ibidem,* vol. II, pg. 42.

tas e escondidas debaixo dos vapores grossos e espessos que sobem ao cérebro; e ao passo que os mesmos vapores se vão adelgaçando e defazendo, as imagens aliviadas dêles se vão também descobrindo e representando à fantasia, que por outro nome se chama imaginativa e é a potência com que imaginamos.

"O modo dêste artifício oculto declara o Príncipe dos Filósofos com uma semelhança digna do seu engenho. Fazei, ou lavrai de cortiça (diz Aristóteles) uma quantidade de rãs maiores e menores, e com esta forma, ou sem ela (que só é necessária para maior primor da comparação) pondo-as tôdas sem ordem, nem concêrto no fundo de um grande vaso. Assim postas, lançai sôbre elas uma camada de sal, de modo que fiquem cobertas tôdas e não apareçam; e logo enchei de água até cima o mesmo vaso, esperai um pouco e vêde o que vêdes. Coisa verdadeiramente curiosa e ao nosso intento admirável! Assim como se vai desfazendo o sal com a água, assim vão surgindo e se vão aboiando as cortiças pouco a pouco, aqui uma, acolá outra, umas antes, outras depois, até que aparecem tôdas. Isto mesmo é o que acontece nos sonhos. Porque as imagens escondidas das coisas que entraram pelos sentidos, desafogadas dos vapores que as oprimiam, se vão descobrindo e aparecendo à fantasia, ou sem nenhuma ordem, se os sonhos são naturais, ou se são sobrenaturais e divinos, com aquela ordem, e disposição que é necessária para mostrarem e darem a entender o que significam" (38).

São, pois, os sonhos "relíquias daquêles atos que pelas espécies recebidas dos sentidos se formaram na imaginação. Êstes atos deixam impressas na imaginação umas relíquias muito sutis, representadoras dos seus objetos; e quando estas relíquias se movem e aparecem, elas são as que representam, compõem e fabricam os sonhos" (39).

"O sono é a imagem da morte e os sonhos são a imagem da vida. Cada um sonha como vive: *Ea maximè somniamus quae agimus, aut acturi sumus, aut volumus,* disse Aristóteles. Os sonhos são uma pintura muda, em que a imaginação a portas fechadas, e às escuras retrata a vida e a alma de cada um, com as côres das suas ações, dos seus propósitos e dos seus desejos. Faraó, como providente príncipe, sonhava com a fome, e com a fartura do povo; o seu copeiro-mor, e o outro ministro da Mesa (que não tem nome nem ofício nas nossas côrtes) um sonhava com a taça, outro com as iguarias; o soldado madianita sonhava com a espada de Gedeão; Nabucodonosor sonhava com impérios e monarquias; cada um enfim sonhava de noite com o que exercitava de dia. Galeno, para conhecer os humores do enfêrmo, manda observar os sonhos; e também se podem observar para conhecer os afetos, que são humores da alma. O melancólico sonha coisas tristes e trágicas, o sangüíneo sonha felicidades e festas, o colérico sonha guerras e batalhas,

(38). — *Idem, ibidem,* vol. XIII, pgs. 73 e 74.
(39). — *Idem, ibidem,* pg. 42.

e o fleugmático creio que não sonha, porque não vive" (40).

A LIMITAÇÃO DA ONIPOTÊNCIA DIVINA.

O que muito poucos hão de esperar, porém, é ser Vieira um antecessor dos racionalistas do século XVIII e de nossos dias quando limitam a onipotência divina:

> "O poder tudo, consiste em poder algumas coisas, e não poder outras: consiste em poder o lícito e justo, e em poder o ilícito e injusto; e só quem pode e não pode desta maneira é todo poderoso. Não é paradoxo meu, senão verdade de fé explicada por Santo Agostinho: *Quam multa non potest Deus, et omnipotens est?* E senão dizei-me: Deus pode deixar de ser? Não: Deus pode mentir? Não: Deus pode fazer alguma coisa mal feita? Não... Se quereis ser onipotentes, podei sòmente o justo e lícito, e não queirais poder o ilícito e injusto. Se assim o fizerdes sereis onipotentes como Deus, e senão, serão os vossos poderes como os do diabo, que pode e faz muitas coisas que Deus não pode" (41).

No *Sermão Sexto do Rosário* volta à questão com grande clareza:

> "Perguntam os filósofos se Deus pode fazer tudo quanto pode? Uns negam, outros afirmam, e uns e outros se implicam. Porque depois de Deus fazer tudo o que pode, ou pode fazer mais alguma coisa ou não? Se não pode, deixou de ser Deus, porque não há Deus sem onipotência. E se pode, segue-se que aquilo que fêz, não era tudo" (42).

No *Sermão da Dominga Décima Nona Depois do Pentecostes*, pregado na Bahia em 1639, sustenta que

> "Deus, ainda que quisesse fazer quanto pode, não pode. A razão que a nós basta, deixadas outras, é muito clara, porque como Deus é onipotente, por mais que faça, sempre lhe fica poder para fazer mais. E se pudesse fazer quanto pode, exgortar-se-ia a onipotência, e não sendo onipotente deixaria de ser Deus" (43).

No *"Sermão da Terceira Quarta-Feira da Quaresma"*, proferido na Capela Real em 1670, torna Vieira ao assunto fazendo uma aplicação política da limitação da onipotência divina:

> "O que perde não só o govêrno, mas as consciências e almas dos príncipes, é cuidarem que podem tudo, porque podem tudo. Se assim lho dizem, é lisonja, e se o

(40). — *Idem, ibidem*, pg. 40.
(41). — *Idem, ibidem*, vol. II, pgs. 107 e 108.
(42). — *Idem, ibidem*, vol. XI, pg. 5. Ver também vol. I, pg. 112; vol. III, pg. 274.
(43). — *Idem, ibidem*, vol. VI, pg. 187. Ver também vol. XIII, pg. 99.

crêem, é engano. O rei pode tudo o que é justo; para o que fôr injusto nenhum poder tem. Esta é a verdadeira e maior lisonja que se pode dizer aos reis, porque é fazê-los poderosos como Deus. Deus é onipotente: e poderá fazer uma injustiça? De nenhum modo. Pois assim devem entender os reis que são poderosos" (44).

INCOMPATIBILIDADE ENTRE CERTAS MORTES E O DOGMA DA PROVIDÊNCIA.

Nada mais notável, finalmente, do que a ousadia com que, em 1649, se exprime sôbre o dogma da Providência no *Sermão nas Exéquias de D. Maria de Ataíde*:

> "Casos sucedem no mundo que parece se descuida Deus do govêrno dêle... Se repararmos com atenção quem vive neste mundo e quem morre, é necessário muita fé para crer que há providência... Tirar a vida a uns tão tarde, e a outros tão cêdo: deixar os que são embaraço do mundo, e levar os que eram ornato dêle, que desigualdade maior?... Que a vida mais digna de viver seja a mais sujeita à morte! E que haja império superior que domine êste tirano! Que haja providência no mundo que o governe! *Domine, non est tibi curae?*" (45).

Dois séculos depois não faria Augusto Comte mais do que desenvolver o que, do púlpito, em seu tempo, não pôde o pregador. Eis, de fato, o que, em 1850, escrevia ao Conde de Limburg Stirum a propósito das mortes prematuras:

> "Nada mais próprio, do que certas mortes prematuras, para confirmar tristemente não ser o curso geral dos acontecimentos humanos dirigido por nenhuma providência superior à da própria Humanidade, porquanto, qualquer autoridade, que pudesse prevenir tais desastres, seria certamente indesculpável por deixá-los surgir, permitindo, ao contrário, a funesta prolongação de tantas existências estéreis ou nocivas" (46).

VIEIRA E OS COMETAS.

Há quem estranhe hoje a influência que Vieira admitia exercessem os cometas sôbre os acontecimentos terrestres, como avisos de Deus.

Freqüentes são as alusões que, a êsse rsepeito, se encontram em suas cartas (47), além de haver escrito, aos 87 anos, um opúsculo

---

(44). — *Idem, ibidem*, vol. III, pg. 274.
(45). — *Idem, ibidem*, vol. XV, pgs. 361, 363 e 365.
(46). — Augusto Comte: *"Correspondance Inédite"*, vol. III, pg. 236. Ver também pg. 258.
(47). — *Vide* Vieira: *"Cartas"*, t. II, pgs. 105 ,106, 107, 108, 111, 115, 117, 123, 125, 127, 154, 155, 157, 158, 159 *et passim*, da ed. de J. Lúcio de Azevedo, Coimbra, 1926.

exclusivamente consagrado ao assunto — *"Voz de Deus ao Mundo, a Portugal e à Bahia: juízo do cometa que nela foi visto em 27 de outubro de 1695 e continua até hoje, 9 de novembro do mesmo ano"*.

Condenando a astrologia, dela, contudo, mantinha a interpretação teológica dos cometas, separando-a, com nitidez, da investigação científica dos acontecimentos celestes, conforme se vê dos seguintes lanços:

> "Não se chama êste juizo astronômico, porque não é nosso intento examinar ou definir a natureza, a matéria, o nascimento, o lugar, as instâncias, os aspectos, os movimentos, nem algumas das outras circunstâncias em que curiosamente se empregam as observações da astronomia, e muito menos a duração e ocaso dêste prodigioso meteoro, pois ainda estão pendentes. Também se não chama astrológico êste juizo, porque, reputando nós, com os mais sábios e prudentes professôres da mesma arte, quão inútil, infrutuosa e vã seja aquela parte da astrologia, que com o nome de judiciária costuma entreter os discursos e enganar as esperanças ou fantasias dos homens, não só seria crime contra a Providência do Altíssimo, mas desprêzo de seus avisos tão manifestos, divertí-los a considerações ociosas, em que se confundam e percam os efeitos próprios e saudáveis que deve e pode produzir em nós uma causa tão notável e tão notória.
>
> "Porque, se o poeta gentio, falando dos trovões que cada dia ouvimos, teve justa razão para dizer:
>
> ...*humanas motura tonitrua mentes* (*), que ânimo haverá tão duro que se não mova com a vista de um portento tão extraordinário? E que entendimento tão rude e contumaz, que se não persuada e conheça claramente que um monstro de tão prodigiosa grandeza não foi criado sem algum fim, nem mandado e mostrado acaso, mas para que os mortais, entrando dentro de si mesmos e levantando o pensamento ao Autor e Governador do Universo reverenceiem seu poder e temam seus juizos?...
>
> "Os cometas verdadeiramente são vozes da Primeira Causa. Sôbre a suposição desta verdade e de serem os cometas vozes de Deus, se funda todo o discurso dêste papel; a sua suposição, para que ninguém a duvide, é tão certa e recebida, que nela concordam sem discrepância os Santos Padres, os teólogos, os filósofos, os históricos, os matemáticos, e com êles o consenso universal de todo o gênero humano, fundado na longa experiência e contínua observação dos cometas, depois que começaram a aparecer no Mundo" (48).

(*). — Trad. "...*os trovões que hão de abalar as mentes humanas*". Ovídio, *"Metamorfoses"*, I, 35. Trad. de Hernâni Cidade.

(48). — *Vide* Vieira: *"Voz de Deus ao Mundo, a Portugal e à Bahia: juízo do cometa que nela foi visto em 27 de outubro de 1695 e continua até hoje 9 de novembro do mesmo ano"*, pgs. 1, 2, 3 e 4 do vol. VIII das *"Obras Escolhidas"*, com prefácios e notas de Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1953.

Como êle mesmo faz ver, achava-se Vieira neste tema nada menos do que na companhia do maior astrônomo de seu tempo — Kepler.

Eis como, em seus *"Sermões"*, a êle se refere:

> "Das histórias e historiadores passemos aos matemáticos e às estrêlas. Aquela estrêla nova que nasceu no ano de 1604, no mesmo lugar onde morreu e desapareceu o cometa do ano de 1580, já vimos como foi um sinal do céu, que apontava para El-Rei Dom João primogênito de Bragança o qual nasceu no mesmo ano de 1604, para suceder no lugar a El-Rei Dom Henrique, morto no ano de 1580. Esta foi a significação da pessoa, e como nela se havia de restaurar o reino, e tornou a corôa aos reis portuguêses, o que tudo vimos cumprido no ano fatal de 1640. E significava mais alguma coisa a mesma estrêla nova? Duas coisas, e duas novidades as maiores que nunca viu, e há muitos anos espera ver o mundo. A primeira, que na cristandade se levantaria uma nova monarquia, que dominaria e seria senhora de todo o universo. A segunda, que esta monarquia e o seu monarca seria o que destruisse e extinguisse a seita e império maometano. Assim o diz expressamente o já alegado Képlero, matem;tico famoso dêste século, que, com a mesma estrêla diante dos olhos, observando todos os movimentos seus, e dos outros astros, compôs dela um eruditissimo livro, no qual, descendo a declaração e juízo de seus efeitos, ou influidos, o primeiro é êste: *Novam ex hoc tempore rempublicam adolescere, cujus imperio generali regna hodie valde tumultuantia subigantur olim: ut its mundus nimium inquietus, et ferox aliquandiu sub hujus monarchae tutela conquiescat* — Quer dizer: que desde o ano de 1604, em que aquela estrêla apareceu no céu, começava a nascer e se levantar na terra uma nova república, a qual crescendo com a idade, viria a formar a seu tempo um império universal, debaixo de cuja obediência todos os reinos do mundo, que ao presente tumultuavam ferozmente em guerras, deporiam as armas, e êle seria o jugo que os amansasse, e o freio que os contivesse em paz" (49).

Mas, nesta concepção dos cometas, Vieira e Kepler eram apenas homens de seu tempo. Em sua História de França, conta Bossuet que, transferindo o Sumo Pontífice Paulo III, em meados do século XVI, para a cidade de Bolonha, o Concílio de Trento, a fim de manobrar, mais à vontade, essa importante Assembléia, um dos motivos que alegou, foi o de anunciarem os astrólogos achar-se a cidade de Trento ameaçada de peste (50). E a alegação era de

(49). — *Vide* Vieira: *"Sermões"*, vol. XV, pgs. 74 a 75 da ed. Lello.

(50). — *Vide* Bossuet: *"Abrégé de l'Histoire de France"*, pg. 515 do vol. XXIV das *"Oeuvres Complètes"*, Paris, Mellier Frères, Librairie Religieuse, 1849. Sôbre Paulo III e a astrologia, veja-se também Luís Pastor: *"História dos Papas desde o fim da Idade Média"*, vol. XI, pgs. 31 a 32 da trad. francesa de Alfred Poizat, Paris, Plon, 1925.

grande fôrça, porquanto, no dizer expressivo de um escritor da época, raro era o cardeal que, para comprar uma carga de lenha, não consultasse astrólogos (51).

Tão enraizada estava ainda a astrologia no tempo de Vieira que, ao nascer Luís XIV, foi um astrólogo pôsto nas imediações do quarto em que se encontrava Ana d'Áustria, a fim de observar a constelação sob cujo influxo devia desenrolar-se a existência portentosa do Rei Sol (52), não se dignando de tirar-lhe o horóscopo, no próprio ano do *"Discurso do Método"* (1637), o grande Campanela (53).

E, em seus *"Elogios"*, conta Fontenelle que Jacques Bernouilli, um dos maiores matemáticos e astrônomos do século XVII, havendo resolvido o dificílimo problema dos isoperímetros e muitos outros de grande importância, a ponto de lhe chamar, Augusto Comte:

> *"o poderoso pensador capaz de descobrir a lei da gravitação, se a não tivesse Newton patenteado"* (54).

Fontenelle, vinha eu dizendo, narra que sendo Jacques Bernouilli consultado, quase ao romper do século da Enciclopédia, sôbre um cometa aparecido em 1680, respondeu, convictamente, que

> *"a cabeleira do cometa não era de mau agouro, visto ser eterna, mas, infelizmente, o mesmo não se podia dizer da cauda, por ser acidental"* (55).

Com dois matemáticos e astrônomos de porte de Kepler e Jacques Bernouilli, com um Sumo Pontífice como Paulo III, homem de grande inteligência, e um filósofo da cultura de Campanela, achava-se Vieira, na interpretação dos cometas, em muito boa companhia, e poderia ponderar, com Augusto Comte:

> *"o homem é de seu século, mesmo a seu pesar"*... (56).

VIEIRA E O MOVIMENTO DA TERRA.

Quando se sabe que Descartes mutilou o seu primitivo *Tratado do Mundo,* fruto de vários anos de labor, ao ter notícia de ha-

---

(51). — *Vide* Alexandre Herculano: *"História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal"*, t. II, pg. 227 da 1a. edição brasileira, Rio, 1907.

(52). — *Vide* Voltaire: *"Siècle de Louis XIV"*, c. 2.º, pg. 72 do vol. IV das *"Oeuvres Complètes"*, ed. F. Didot.

(53). — *Vide* Francisque Bouillier: *Histoire de la Philosophie Cartésienne"*, pg. 17 do vol. I da 3a. ed., Paris, Delagrave, 1868.

(54). — *Vide* A. Comte: *"Astronomie Populaire"*, pg. 404, da 1a. ed. e *"Cours de Philosophie Positive"*, t. VI, pg. 221 da 4a. ed.

(55). — *Vide* Fontenelle: *"Éloges des Académiciens"*, pg. 83 do vol. I da ed. de Londres, 1785.

(56). — *Vide* A. Comte: *"Système de Politique Positive"*, vol. IV, *Appendice Général*, pg. 50, Paris, Carilian, 1854, *"Correspondnace Inédite"*; 2ème série, pg. 281, Paris, 1903. Conf. *"Lettres à Valat"*, pg. 186, Paris, Dunod, 1870.

ver sido Galileu condenado pela Inquisição visto sustentar o princípio do movimento da terra, também adotado, naquele primitivo tratado, pelo Pai da Filosofia Moderna, não se pode estranhar seguisse Vieira a doutrina bíblica sôbre o assunto, já que a Igreja sòmente em 1822 deu liberdade aos seus fiéis para adotarem os ensinos de Copérnico e Galileu (57).

Eis como, a respeito, se externava no *"Sermão da Dominga Décima Sexta Post Pentecosten"*:

> "Opinião foi antiga de muitos filósofos, que não era o sol o que se movia e dava volta ao mundo, senão que permanecendo fixo e imóvel, esta terra em que estamos é a que, sem nós o sentirmos, se move e nos leva consigo, e quando nos aparta do sol, faz a noite, e quando nôlo torna a mostrar, o dia. Mas esta opinião ou imaginação matemática, assim como ressuscitou em nossos tempos, assim foi também condenada como errônea, por ser expressamente encontrada com as Escrituras divinas. Do sol diz o Texto sagrado com palavras tão claras como a luz do mesmo sol, que êle é o que dá volta ao mundo, alumiando-o *"Oritur sol, et occidit, gyrat per meridiem, et flectitur ad aquilonem, lustrans universa in circuitu* (*Eccles.*, 1,5 e 6). E, pelo contrário, da terra diz que ela está imóvel e firme sem se mover, nem haver de mover jamais: *Terra autem in aeternum stat* (*Eccles.*, 1,4)" (58).

Entretanto, no *"Sermão da Primeira Dominga do Advento"*, pregado, em 1652, na Capela Real, não deixa de fazer Vieira interessante observação a propósito do sistema de Copérnico, mostrando conhecê-lo bem:

> "Copérnico, insigne matemático do próximo século, inventou um novo sistema do mundo, em que demonstrou, ou quis demonstrar (pôsto que erradamente), que não era o sol o que se movia e rodeava o mundo, senão que esta mesma terra em que vivemos, sem nós o sentirmos, é a que se move, e anda sempre à roda. De sorte que, quando a terra dá meia volta, então descobre o sol, e dizemos que nasce, e quando acaba de dar a outra meia volta, então lhe desaparece o sol, e dizemos que se põe. *E a maravilha dêste novo invento, é que na suposição dêle corre todo o govêrno do universo, e as proporções dos astros e medidas dos tempos, com a mesma pontualidade e certeza com que até agora se tinham observado e estabelecido na suposição contrária*" (59).

---

(57). — *Vide* Descartes: *"Oeuvres"*, vol. I, pgs. 270, 271, 285 a 288, e 348 a 349, da ed. de Adam-Tannery; Ivan Lins: *"Descartes"*, pgs. 336 e seguintes, Rio, 1940; L. B. Horta Barbosa: *"A Igreja Católica e o processo de Galileu"*, pgs. 26 e seguintes, Rio, 1950; e Th. Henri Martin: *"Galilée — Les droits de la science et la méthode des sciences physiques"*, pgs. 252, 253 e 267, Paris, Didier et Cie., 1868.

(58). — *Vide* Vieira: *"Sermões"*, t. VI, pgs. 167 e 168 da ed. Lello.

(59). — *Vide* Vieira: *"Sermões"*, t. I, pgs. 74 e 75 da ed. cit.

Vê-se por aqui que Vieira só não sustentava o princípio do movimento da terra por estar o mesmo condenado pela Igreja.

Muito haveria ainda a respigar na obra de Vieira quanto às suas aptidões filosóficas, de que é ainda uma prova ser adversário das idéias inatas e partidário do princípio de Aristóteles e Leibniz segundo o qual

> *"nada existe no entendimento que não haja passado pela via dos sentidos, salvo o próprio entendimento" — "Nihil est in intellectû, quod priùs non fuerit in sensû, nisi intellectus ipse".*

Não se pode, pois, dizer não estivesse Vieira a par da cultura científica e filosófica de seu tempo, limitando-se a repetir os escolásticos. Nada menos justo, portanto, nem mais leviano, do que o julgamento de Vieira por Sílvio Romero e José Veríssimo:

> "Vieira — escreve o primeiro — simboliza o gênio português em tôda a sua arrogância na ação e *vacuidade nas idéias* (!) com todos os seus pesadelos jurísticos e teológicos... é uma espécie de tribuno de roupeta que se ilude e ilude os outros com as próprias frases" (60).

Quanto a José Veríssimo, eis como se externa sôbre a filosofia, ciência e erudição de Vieira, as quais enchem hoje de pasmo os que sabem haver-se formado no Brasil seiscentista e lhe conhecem a intensa vida de ação como político, diplomata, missionário e pregador:

> "Nem há já, entre as pessoas piedosas, se não são de todo ignaras, quem lhe sofra a filosofia inconsistente ou a ciência e erudição, atrasadíssimas (!) ainda para o seu tempo, além dos obsoletos e até ridículos processos retóricos" (61).

Do que se expôs neste artigo conclui-se que Sílvio e Veríssimo ignoravam por completo o que haja sido Vieira, até mesmo no simples campo literário. Estou certo, porém, de que o insigne Professor Cruz Costa há de fazer, numa segunda edição do seu belo livro, a devida justiça ao aspecto filosófico da obra do glorioso filho de Santo Inácio — um dos homens mais completos e admiráveis, pelo conjunto harmonioso do coração, da inteligência e do caráter, de que se possam orgulhar os portuguêses e seus descendentse na Europa, na Ásia, na África e na América.

IVAN LINS

---

(60). — *Vide* Sílvio Romero: *"História da Literatura Brasileira"*, vol. I, pgs. 134 e 135 da 2a. ed., Rio, Garnier, 1902.

(61). — *Vide* José Veríssimo: *"História da Literatura Brasileira"*, pg. 69, 1.º milheiro, Rio, Alves, 1916.